

DA BOLA AO BISTURI

**A história do jogador
do Inter que virou um
craque da medicina**

DA BOLA AO BISTURI

**A história do jogador
do Inter que virou um
craque da medicina**

Marcos Dall'Oglio



Editora Sulina

Copyright © Marcos Dall'Oglio, 2022

Capa: Cintia Beloc

Preparação de originais: Eduardo Cabeda

Editoração: Niura Fernanda Souza

Revisão: Simone Ceré

Editor: Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

D144d Dall'Oglio, Marcos

Da bola ao bisturi: a história do jogador do Inter que virou um craque na medicina / Marcos Dall'Oglio. – Porto Alegre: Sulina, 2022.

400 p.; 16x23cm.

ISBN: 978-65-5759-083-6

1. Biografia. 2. Esportes - Futebol. 3. Medicina – Profissão. I.Título.

CDU: 929

CDD: 920

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 310.9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Setembro/2022

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

AGRADECIMENTOS

Este livro esteve em minha cabeça desde sempre, mas foi criando forma e conteúdo através dos meus amigos e pacientes, que passaram a me incentivar a torná-lo realidade. Inicialmente o jornalista Sérgio Kraselis fez o primeiro esboço, depois complementado pelo também jornalista e escritor José Ruy Gandra. Ambos haviam sido operados por mim e eram meus pacientes, portanto já me conheciam um pouco melhor, em razão desse convívio profissional. Contudo, após eu ler o que estava escrito, vi que faltava algo mais, achei que estava sem meu coração. Foi nesse momento, durante a pandemia de 2020-21, que mergulhei nesta obra de corpo e alma. Pronto, está tudo aí!

PREFÁCIO

Antes de se tornar um cirurgião conceituado no país, o autor deste livro experimentou o sonho da bola, como milhões de meninos brasileiros de sucessivas gerações. Marquinhos, que ainda não vislumbrava o doutor Marcos Dall'Oglio no horizonte de sua infância, jogou futebol em Passo Fundo, sua terra natal, e chegou ao Internacional em 1984 – quando eu ainda atuava pela Roma.

Vestiu a mesma camisa vermelha que tive a honra de vestir nas conquistas inesquecíveis dos anos 70.

Teve uma carreira curta, pois aos 24 anos ingressou na universidade para estudar medicina. Mas levou para a profissão algumas habilidades desenvolvidas dentro do campo: a determinação para alcançar objetivos, a crença no trabalho coletivo, a precisão cirúrgica e a visão do jogo – indispensável para quem atua como volante e líder.

Nestas memórias habilmente escritas, ele relata seus sentimentos de torcedor apaixonado pelo clube do coração e pelos ídolos da sua infância. Fiquei muito gratificado em saber que fiz parte do sonho de um menino que soube transformá-lo em realidade e ainda foi além, sem deixar que morresse em seu coração o encanto pelo futebol.

Vai, Marquinhos! A bola está contigo.

Paulo Roberto Falcão

SUMÁRIO

1. O pêndulo das paixões	11
2. Início de jogo	19
3. Peneirando sonhos.....	35
4. A bola pra valer	47
5. Na marca do pênalti: a faculdade de medicina.....	71
6. Coração vermelho.....	81
7. A vida é um clássico	117
8. Coração vermelho II.....	125
9. Coração dividido.....	149
10. O resgate da razão	185
11. O mundo sempre será uma bola	201
12. Fome de livros e os pilares da medicina.....	233
13. Dessa vez, Europa? Não. São Paulo, o desafio!.....	275
14. Eu, olheiro do mundo.....	301
15. Ciência, a vitória da vida.....	341
16. Médicos e craques.....	379
17. Novos horizontes da jornada.....	397

1. O PÊNULO DAS PAIXÕES

Os capítulos neste livro reúnem a minha tentativa, com o coração dividido, de trilhar caminhos bifurcados na única jornada de vida que todos temos. O sonho, realizado, do jogador de futebol profissional de um grande clube que, ao mesmo tempo e sem planejamento, descobria e avançava em definitivo à verdadeira vocação na medicina. Hoje, uma realidade sólida como conceituado urologista, com doutorado pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), livre-docente e professor da Universidade de São Paulo (USP). Aqui, revelo as histórias, os obstáculos, o encontro e o desencontro desses dois mundos irreconciliáveis. A bola e suas mazelas quando tablei com craques do futebol olímpico da prata e tetracampeão mundial, ou ao defender um time que também seria campeão do mundo, o Sport Club Internacional. Histórias da graduação médica, da urologia e da medicina pós-moderna com a cirurgia robótica.

Atualmente jogo ao lado do robô Da Vinci na realização de obras artísticas através da remoção de tumores malignos complexos para poder curar o corpo e aliviar a alma dos enfermos; no entanto, estas páginas mostrarão que ainda aos 16 anos de idade já convivía com o dilema na condição de jogador profissional, atuando como médio volante promissor e, desse ponto em diante, passando por clubes como o 14 de Julho de Passo Fundo, o Internacional de Porto Alegre, o Esporte Clube Pelotas, o catarinense Figueirense, o Athletico Paranaense e finalmente o São José de Porto Alegre. Oito anos de dedicação a uma carreira repleta de emoções e episódios marcantes. O bastante para poder dizer que deixei a minha marca nos gramados no Sul do Brasil e nas memórias de uma incontável legião de colegas de equipe, dirigentes, profissionais da imprensa e torcedores,

especialmente os colorados do 14 de Julho e do Internacional de Porto Alegre, bem como os áureocerúleos do Esporte Clube Pelotas. Mas havia, concomitantemente, a medicina, vocação que também me fisgou cedo, desde a pré-adolescência, me fazendo travar uma luta utópica para conciliar duas coisas que deveriam ambas se sagrar vencedoras ao invés de uma vencer a outra. As duas exigiam forte dedicação e ocupavam o máximo do tempo a cada dia. Lutei enquanto deu! Após ingressar na faculdade de medicina, primeiro na Universidade de Passo Fundo, depois na PUC de Porto Alegre, tranquei a matrícula ou limitei-me a fazer apenas algumas matérias do curso.

Meu coração ainda batia mais forte dentro das “quatro linhas”. Seriam necessários mais alguns anos até que, um tanto desencantado com o mundo da bola, abandonasse o futebol e passasse a me dedicar integralmente aos estudos médicos na PUC gaúcha. Foi um passo certo! Sublimou a paixão pelo futebol, um ambiente imprevisível e altamente volátil, e canalizou meus esforços para a carreira de médico. Nela, fruto de muito estudo e de uma aplicação quase religiosa, obtive a consagração que o esporte me negou.

Não que a minha persona como jogador “Marquinhos”, ou melhor, o agora Doutor Marcos Dall’Oglio tenha renegado o futebol. A paixão pela bola me acompanha até hoje – e pode ser atestada no brilho intenso emitido nos meus olhos toda vez que o assunto vem à tona. Não à toa. Foram muitas as emoções, amizades e episódios que povoaram uma carreira futebolística um tanto breve e precoce (1983/1990). Hoje, porém, eles habitam meu dia a dia no território das lembranças e saudades, especialmente nas conversas com amigos. Também em sonhos revejo essas lembranças, elas jamais me abandonam. O livro, recheado de relatos singelos, dramáticos, curiosos e muitas vezes engraçados, resgata minha trajetória nesses dois campos. Revela como, após equilibrar a dualidade de paixões pisando quase uma década na corda bamba da jornada humana, deixei de ser o jogador “Marquinhos” para me transformar no “Doutor Dall’Oglio”, para alegria e gratidão de dezenas de milhares de pacientes.

Nestas páginas também estão as lições que colhi ao longo de quase três décadas como cirurgião. Disserto, entre outros temas, sobre os bastidores de hospitais e residências e a rotina apreensiva dos consultórios, a ética médica, a relação com os meus pacientes, marcada pela compaixão, sobre o câncer, a morte e o atual estado da saúde no Brasil.

Um livro que, decerto, será de grande utilidade e interesse tanto para os amantes do futebol quanto das ciências médicas. Ambos foram, afinal, os dois maiores fascínios na minha vida; dois chamados que tentei atender simultaneamente o quanto pude. É justo, portanto, que esta história comece pelo ponto em que essas duas vocações começaram a se digladiar. Daqui para frente, uma montanha-russa de momentos marcantes e libertadores. Vamos lá! Estádio Gigante da Beira-Rio do Sport Club Internacional. Dia 6 de dezembro de 1985.

Final do Campeonato Gaúcho de 1985

Meu coração parecia um relógio de corda que tinha aumentado o número de tique-taques, mas não a velocidade dos ponteiros. Isso porque nosso time estava agora a poucos metros do Gigante da Beira-Rio, e a vinte minutos de começarmos o último coletivo antes da finalíssima do Campeonato Gaúcho. Na tarde daquela sexta-feira, enquanto o meu corpo se movimentava para marcar sem a bola, correr para recebê-la, passar de volta ou chutá-la a gol durante o jogo-treino no templo colorado, a minha cabeça projetava os mesmos lances no jogo decisivo do próximo domingo no início da noite. Na casa do arquirrival, o Estádio Olímpico Monumental. Era um tipo de apreensão diferente. Uma mistura de sensações. Primeiro, ansiedade pela chegada da hora do apito inicial. Segundo, terceiro, expectativa para aproveitar a oportunidade de ouro ao máximo. Por fim, confiança para herdar a mítica camisa "5" do maior ídolo do Inter, Paulo Roberto Falcão. O fato é que me sentia pronto para suportar tamanha responsabilidade. A imagem da numeração vinha sendo trabalhada na minha cabeça havia um bom tempo, diariamente, desde abrir os olhos pela manhã até fechá-los à noite para dormir.

Acordado, projetava o manto sendo usado pelo Falcão do passado. Não apenas isso. Mas com o craque jogando a Final do Gaúcho no domingo de 17 de dezembro de 1978. Sonhando só consigo lembrar do número cinco na farda do meu Eu do futuro. Sim. Jogando a Final de 1985 no próximo domingo, dia 8 de dezembro. Uma distância encurtada para 48 horas entre o apito final do coletivo e o apito inicial do jogo pelo título.

Semanas antes da decisão, a confiança e a autoestima estavam lá em cima. O temor por ser o herdeiro da lendária camisa “5” diminuíra porque a motivação para enfrentar o desafio de vesti-la havia se tornado maior. Não apenas desejar ardentemente uma coisa, mas suar e me desdobrar tanto nos treinos até que virasse realidade. Até que o treinador Daltro Menezes e a imprensa me aceitassem como titular do time no lugar de Ademir Kaefer. Um desempenho regular em tão alto nível que a difícil tarefa de substituir o capitão do time, tetracampeão gaúcho, o capitão da Seleção Brasileira Vice-Campeã Olímpica nos Jogos de Verão de Los Angeles, no ano anterior, se tornaria muito mais fácil que a de não fazê-lo. Ademir, dono da posição, retornava de lesão. Já havia ficado de fora de alguns jogos. Aparentemente, não estava totalmente recuperado física e tecnicamente. A falta de ritmo era admitida pelo nosso técnico e conhecida pela imprensa. A partida valia o campeonato. Caso isso não bastasse, a partida que valia o campeonato era apontada como a oitava rivalidade do futebol mundial pela crítica especializada de maior credibilidade na Inglaterra. Portanto, o soldado que estivesse “metade ferido e metade curado”, ainda antes de começar, seria considerado herói ou vítima diante duma eventual derrota. Tanto pelo seu povo quanto pelos cronistas encarregados de cobrir o conflito histórico. No entanto, o General que enviou o soldado, em tais condições, para uma batalha capaz de decidir a guerra, terminaria eleito como o único culpado pela derrocada; até mesmo pelos vitoriosos inimigos.

As minhas atuações nos treinamentos e a situação “meia boca” do nosso excelente capitão, Ademir Kaefer, desenharam o cenário de chance única para o destemido jovem jogador de futebol agarrar. Não imaginava nem espetáculo nem palco melhores para de-

monstrar meu talento. Minhas credenciais eram de performance nos treinos, mas performance com números nos jogos. Havia jogado como titular em 14 das últimas 17 partidas do certame estadual. Ou onze vitórias e três empates. Incluindo um 2 x 0 sobre o Grêmio no meu primeiro Gre-Nal havia menos de dois meses. Retrospecto de nenhuma derrota e bons jogos com o novo comandante. Não cogitava deixar a equipe no dia “D”. Na imprensa de radiodifusão, a frase do comentarista da Rádio Gaúcha Ênio Mello, *“Um volante que sabe marcar e fazer gols”*, não era mais uma aposta solitária em forma de opinião, mas uma realidade captada pelo faro apurado do talentoso e primeiro cronista esportivo que acreditara em mim. Na imprensa escrita, o senhor Hugo Amorim refutou toda e qualquer opinião na direção contrária a de Ênio Mello, conforme o seguinte texto na coluna diária no jornal *Zero Hora*: *“Esse volante já deveria ser o titular há mais tempo. Está batendo um bolão”*. Eu estava cheio de coragem também, e não apenas pela dosagem alta produzida, naturalmente, no ápice da juventude. O fato é que, com apenas um ano de Sport Club Internacional, caí nas graças da torcida para então aterrissar em páginas esportivas de todos os jornais gaúchos. O “possível substituto de Falcão” foi algo que brotou primeiro nos pensamentos em voz alta nas arquibancadas do Beira-Rio e nos debates entre colonistas, comentaristas, repórteres e setoristas nas redações dos jornais, e só depois como algo possível, em alguma medida, dentro de mim mesmo.

No coletivo da sexta-feira, 6 de dezembro, mesmo com o titular Ademir recuperado da lesão, a vaga era potencialmente minha. Para o jogo que marcaria para sempre a carreira do meu Eu meio-campista do Inter de 19 anos, herdeiro da camisa “5” da lenda viva Paulo Roberto Falcão.

Benquistos pelos jogadores, com ótimo ambiente no clube, deixei o vestiário do Beira-Rio e subi as escadas do túnel em direção ao campo. A atmosfera talvez tivesse percebido a minha capacidade de absorvê-la em imagem, som, cheiro, cor, fome de vencer. Um corredor por onde passaram gerações de colorados vencedores. Eu podia ouvir saindo das paredes os gritos de capitães históricos. De repente,

as palavras dos remanescentes massagistas do escrete colorado que dominara a década passada ecoaram ali sonoramente de verdade. Mais que isso. A frase que um começou e o outro terminou foi a única forma, sem combinação prévia, encontrada por ambos para traduzir o significado não verbal dos gritos aliados à aura do “zagueiro dos zagueiros”, Don Elias, no trajeto que fazíamos antes do chileno pisar no campo. Massagista Alexandre, *“Quando ele entrava em campo na frente de todos...”*, e massagista Bigode, *“Com a faixa de capitão, a postura e o jeito dele de andar, com um olhar que... Bom, aquilo ali era um aviso para gente que, antes da coisa começar, já tava 1 X 0 pra nós!”*

Voltando à tarde ensolarada daquela sexta, ainda no começo do coletivo, a imagem sólida e mental, onde fazia um bom treino, era tanto a ordem esperada pelo corpo para agir quanto a missão que este precisava cumprir. Jogadas exitosas, com e sem a bola, seriam guardadas para serem replicadas em situações similares no Gre-Nal decisivo contra um Grêmio campeão do mundo. Um time com Mazaropi, Baidek, China, Osvaldo, Renato, entre outros. Além da mais nova estrela gremista, Valdo, também da Seleção Brasileira.

Na primeira metade do treino, tudo funcionou. Eu, o titular e virtuose Marquinhos de 19 anos, herdeiro da icônica “5”, escolhido para dar continuidade ao legado imensurável deixado pelo ídolo Falcão, titular e jogando bem. A formação mais entrosada e a movimentação mais ensaiada faziam o time funcionar como um relógio suíço, cujos espaços ocupados pelos ponteiros, numa sucessão emendada de presentes, projetavam espaços para serem ocupados pelos ponteiros numa sequência descolada de futuros.

Na segunda metade do coletivo, o treinador decidiu mudar o time e me colocou entre os reservas. Os titulares estavam ganhando por 3 X 1. Me enchi de brio, marquei dois gols para o time de baixo e o treino coletivo terminou 3 X 3. Queria deixar ali o recado ao treinador, que poderia estar hesitante. Parecia estar. Parecia perguntar silenciosamente para si mesmo, *“E agora, seu Daltro? Vai manter o Marquinhos; que tá arrebrandando desde que o Ademir machucou? Ou vai colocar o guri no banco e voltar com o Ademir de titular que mal e porcamente se recuperou?”* E, antes que eu falasse qualquer coisa

silenciosamente aos gritos, escutei o silencioso “*Tá maluco?*” saído direto do olhar indignado do estimado zagueiro Aloísio. Indignação e surpresa. Era uma expressão tão explícita e cristalina que realmente o espanto parecia textual, agarrado nas duas palavras não ditas.

Terminou o treino coletivo. O time titular para o clássico era ainda uma incógnita. No sábado teve um recreativo. Porém, o time da decisão seria revelado minutos antes do jogo, dentro do Estádio Olímpico. A imprensa apostava 50% de chances no retorno do capitão do time colorado e 50% na minha manutenção. Eu, a aposta de 19 anos de Ênio Mello com futuro promissor, alçado pela imprensa e os cantos premonitórios do torcedor como o herdeiro da camisa “5” no presente, e cujos passos na vida real tinham iniciado no ponto exato onde terminavam os de Falcão no Internacional.